

Sousa Lara, que censurou o livro de Saramago, também já foi vítima do lápis da censura. E até foi deserdado pelo tio-avô!

VÍTIMA DA CENSURA

QUEM DIRIA?!

ANTÓNIO Sousa Lara, o subsecretário de Estado da Cultura que censurou «O Evangelho segundo Jesus Cristo», de José Saramago, e o baniu do rol de candidatos ao Prémio Europeu de Literatura, também sabe o que custa ser censurado. Há 20 anos, os homens do lápis azul cortavam-lhe, de alto a baixo, artigos de opinião contra o regime. E o tio-avô, milionário e salazarista dos quatro costados, não lhe perdoou a audácia de escrever sobre política: riscou o sobrinho do testamento.

Nos finais dos anos 60, Sousa Lara era um promissor estudante de Ciências Sociais — e o seu tempo dividia-o entre a universidade e a militância monárquica. Foi dirigente associativo; participou activamente na Comissão Eleitoral Monárquica; escreveu no jornal da causa, «O Debate». Assinava António de Sousa

Lara, tal como o tio-avô, amigo de Salazar e de Marcelo, membro da fina-flor da sociedade do Estoril. O milionário indignou-se quando, um belodí, um censor mais distraído deixou passar uma artighada em «O Debate» contra o ministro da Educação, Veiga Simão, e o consumo de droga nas Universidades. Nessa altura, caiu o Carmo e a Trindade na família Lara. O velho senhor foi confundido com o sobrinho — e lá teve de se desdobrar em embaraçosas desculpas perante os amigos gradados do regime. Para evitar que a cena se repetisse, escreveu uma violenta carta ao jovem monárquico pedindo-lhe que deixasse de assinar com o seu nome.

Mas o estudante respondeu-lhe à letra logo na volta do correio: não era culpado de ter o mesmo nome que o tio. E para desespero da família, «O Debate» continuou a publicar as crónicas de



Sousa Lara ainda se lembra do que sofreu: «Fui marginalizado, até parecia que tinha lepra»

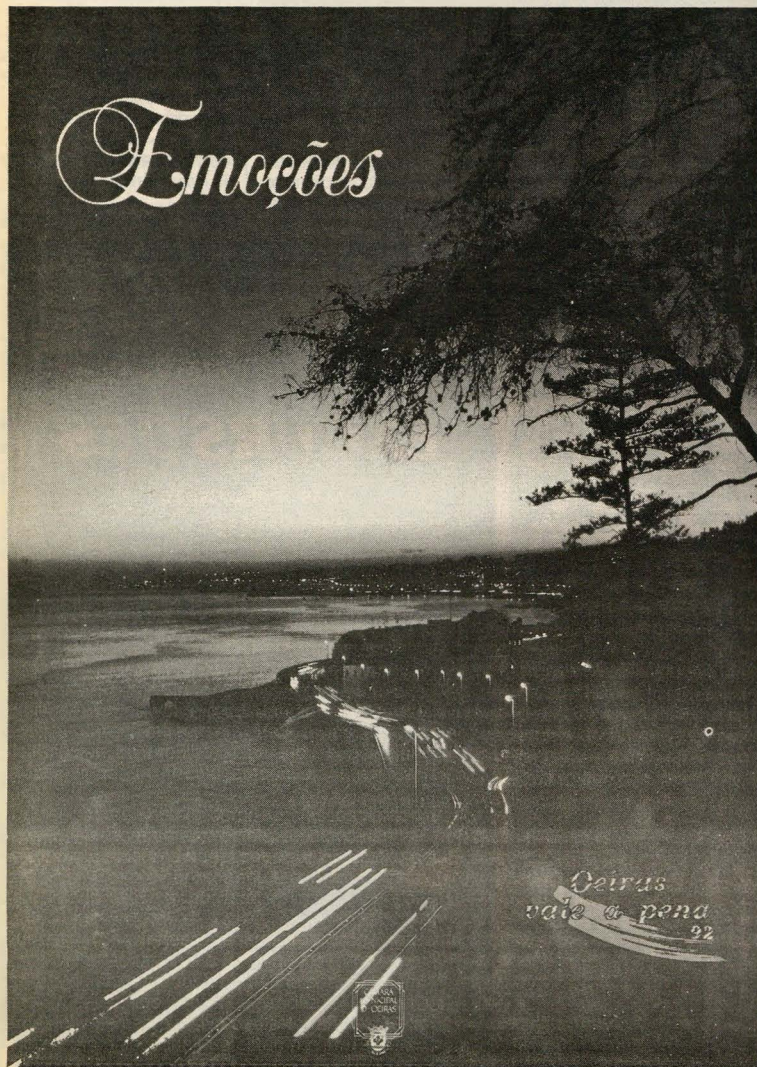
restauração da monarquia; outra era escarrapachar a vida dos amigos e da própria família mesmo num trabalho académico. Com que cara é que o velho senhor entrava no seu clube? Ainda por cima, a coisa foi publicada em dois números da revista «Geográfica», o órgão da Sociedade de Geografia de Lisboa. Isso era demais — e o sobrinho Lara foi severamente censurado e banido do testamento. A fortuna acabou repartida pelas Misericórdias de Seia e de Marco, Salesianos, missionários do Espírito Santo e Fundação Salazar. Dois fiéis empregados de casa, a cozinheira e o jardineiro, ainda receberam algum.

Mas o tio Sousa Lara não se contentou com a exclusão do sobrinho-neto do testamento: moveu as suas influências e só por pouco não conseguiu impedir que o brilhante finalista fosse nomeado assistente do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. «Fui marginalizado, até parecia que tinha lepra» — recorda Sousa Lara. Quem o salvou foi o professor José Júlio Gonçalves, um antigo carteiro que quis estudar e chegou a catedrático. Foi ele que desafiou a direcção do Instituto teimando em convidá-lo para assistente: «Tenho essa dívida para com o professor José Júlio Gonçalves, nunca esquecerei isso».

O subsecretário de Estado da Cultura, que teima em manter-se no lugar apesar da chuva de protestos a pedir a sua demissão e se recusa a dizer uma palavra sobre o «caso Saramago» («não posso, por razões deontológicas, falar sobre isso, uma vez que o senhor secretário de Estado avocou esse assunto»), nunca perdeu o sono por ter sido tão severamente censurado pelo tio: «Aquele estudo foi um bom trabalho para a época e, para mais, eu não seria o único herdeiro». Mas enfim, sempre lhe tocara qualquer coisa...

MANUEL CATARINO ■

Emoções



António de Sousa Lara.

O caldo entornou-se de vez nos finais de 1972, frequentava Sousa Lara o último ano do curso de Ciências Sociais e Políticas. Um trabalho para a disciplina de Metodologia obrigou-o a fazer um estudo sobre «A classe alta do Estoril». Mal sabia a professora, Beatriz Rocha Trindade, os problemas que iria dar ao seu aplicado aluno quando lhe sugeriu tão melindroso tema.

Durante meses a fio, Sousa Lara inquiriu, investigou e foi fazendo o retrato da «classe alta» do Estoril. Descobriu que já então os seus vizinhos declaravam à Repartição de Finanças rendimentos muito inferiores àquilo que o seu nível de vida deixava supor. Entrou-lhes em casa: viu-lhes as pratas e o ouro, as loiças e o mobiliário. Não lhe escapou o nº de divisões dos «chalés» e a área das garagens. Nem se esqueceu de contar a história dos clubes de ténis e de golfe fundados e abandonados à medida que pas-

savam a ser frequentados pelas classes mais baixas.

No fim, «a classe alta» do Estoril não ficou muito bem no retrato — reconhece, hoje, o subsecretário de Estado. «Mas paciência, fiz um trabalho sério» — acrescenta. Prova-o com a nota atribuída pelos seus professores: 19 valores. Beatriz Rocha Trindade ainda se lembra: «Foi um excelente aluno».

O Instituto de Ciências Sociais e Políticas havia de ganhar um novo docente, mas o tio Sousa Lara perdeu um sobrinho. E lá se foi uma grande fortuna em acções de bancos, companhias de seguros e fábricas, que o subsecretário de Estado avalia hoje em «meia dúzia de milhões de contos». A aplicação nos estudos saiu-lhe cara.

O tio-avô, figura de proa da sociedade do Estoril, a tal «classe alta», nunca lhe pôde perdoar tamanho enxovalho: uma coisa eram as crónicas contra a política de Educação e a favor da

ENCONTRO DE CARNEGIANOS CONVITE

AOS QUE FREQUENTARAM CURSOS DA CARNEGIE PARA UMA REUNIÃO NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA (R. PORTAS DE STº ANTÃO), NO PRÓXIMO DIA 28 DE MAIO PELAS 18 H 30 M. ESTA SESSÃO PROMOVIDA PELO CLUBE CARNEGIANO DE LISBOA, DESTINA-SE A DAR CONHECIMENTO DE UM PROGRAMA DE INICIATIVAS, VISANDO A APROXIMAÇÃO ENTRE TODOS OS «CARNEGIANOS»

**NÃO TOME
BANHO EM
PRAIAS SEM
ASSISTÊNCIA**